

Brasília ignora crise

MIRIAM QUINTAS

Da Editoria de Economia

“Brasília é uma ilha que reflete o País em termos de pensamento, mas não no arrocho ou desemprego, desconhecendo a crise por que passa o Brasil”, afirmou o presidente interino da Federação do Comércio de Brasília, Miguel Setembrino. Para ele, o estudo promovido por sua entidade, em convênio com o Ministério da Indústria e Comércio retratará melhor o que já se sabe de antemão, que a situação do comércio daqui é melhor do que em qualquer outra capital brasileira.

No seu entender, a grande crise de emprego e salário da cidade ocorreu em 1981 com a recessão na construção civil, quando 20 mil operários ficaram desempregados. “Hoje, cerca de 430 mil pessoas de Brasília praticamente desconhecem a crise”, completou.

A inauguração de um novo **shopping center** na cidade, para Miguel, é uma prova da boa situação financeira de sua população. “Somente nos dois primeiros dias, uma pequena lanchonete vendeu

Cr\$ 9 milhões”, afirmou.

Mesmo com a boa situação do comércio brasiliense, se comparada com a das outras capitais, o presidente interino da Federação do Comércio mostra-se apreensivo com a atual política econômica e, principalmente, com os efeitos do decreto 2.065 aprovado pelo Congresso.

— A política do Governo é recessiva e não acredito que esse decreto possa conter a inflação, pois é o

juízo e não o salário o seu maior motivo. O 2.065 só detém a produção, gerando mais desemprego. Até mesmo o suposto benefício do BNH é um “blefe”, pois obriga o mutuário a mudar o seu direito adquirido”, disse Miguel.

Para ele, a solução da crise só se viabilizará com a atribuição das responsabilidades para quem realmente as possui, que, no seu entender, são as estatais. “Falam no arrocho da estatal, mas ainda não vi nada. As mordomias continuam e são as empresas privadas que pagam pelos seus desacertos”.

A moralidade das estatais é, para Miguel, a maior bandeira a ser empunhada. “Não se pode transformar o déficit das estatais em déficit público, como se faz atualmente”, afirmou. A sua crítica à atuação das estatais não atinge entretanto, a Petrobrás ou a Vale do Rio Doce, que, para ele, precisam ser preservadas, já que, segundo acha, estão atuando bem. “As uni-

cas empresas que funcionam correm o risco de serem desnacionalizadas”, denuncia Setembrino.

MICROS

As 18 mil empresas de comércio existente em Brasília, com 10 mil na ativa, são em quase sua maioria — 94% — micros e pequenas, que faturam 75% do mercado. Para defender o interesse desses pequenos comerciantes, o presidente interino da Federação do Comércio defende uma legislação própria, nos moldes da sugerida pelo ex-ministro Hélio Beltrão.

Segundo ele, a sobrevivência dos pequenos comerciantes depende da garantia de seu poder de compra. “Comprar bem é a arma do comerciante, vender é apenas uma consequência”, afirmou. Em sua opinião, enquanto não se compreender essa filosofia os projetos desenvolvidos pelo Governo nunca darão certo, a exemplo da Promicro, conforme cita.